

# Intervenção de base comunitária na saúde das populações rurais, como parte integrante de projetos de desenvolvimento rural em Moçambique 1962-1967

*Community intervention in rural population health, as part of rural development projects in Mozambique 1962-1967*

---

**Homero Martins Ferrinho**  
Professor de Sociologia Rural, reformado

## Resumo

Neste artigo descrevo projetos de desenvolvimento rural, recorrendo a cooperativas, em Moçambique entre 1962 e 1967. Nesses projetos introduzi uma abordagem abrangente de saúde e desenvolvimento recorrendo a agentes de base promotores da saúde e bem-estar, a enfermeiros em postos de saúde em parceria com os curandeiros, a farmácias cooperativas com recuperação de custos e ao teatro comunitário como meio de questionar e procurar soluções para questões de saúde.

### Palavras Chave:

Cooperativas, saúde, projetos de desenvolvimento rural, Moçambique, banja.

## Abstract

In this article I describe rural development projects, as part of peasant cooperatives in Mozambique between 1962 and 1967. In these projects I introduced a comprehensive approach to health and development, using traditional healers, cooperative pharmacies with cost recovery and community theater in order to seek solutions to health issues.

### Key Words:

Cooperatives, health, rural development projects, Mozambique, banja.

## Introdução

Vivi praticamente toda a minha vida, sobretudo profissional, não apenas em África, mas com África. Esta sofreu muitas e profundas modificações; muito do que nela vi e observei não existe já, mas o que recorde continua a ser a África que interiorizei e largamente contribuiu para a minha formação humana.

Em 1949, o então Príncipe Gustavo da Suécia, disse em Paris: “os homens só serão felizes quando se amarem pelo que os separa e não somente pelo que os une.” Só é possível amar África quando conhecermos e compreendermos os africanos. Quando passei a orientar programas de desenvolvimento rural, para me poder relacionar com as pessoas envolvidas nele, a minha primeira preocupação foi conhecer as suas formas de pensar, sentir e agir, ou seja, a sua cultura. Através dos relatos frequentes dos agentes de apoio e da minha observação participante, aquele conhecimento foi-se aprofundando e atualizando sistematicamente, permitindo que entre mim e os rurais se estabelecesse uma crescente aceitação mútua, por mais diferentes que fôssemos. E assim fui esboçando as bases das instituições vocacionadas para levar os rurais a encontrar e solucionar por eles próprios os problemas do apoio à agricultura, à educação das mulheres e à formação dos jovens e crianças. A meu ver, as instituições que melhor serviam tais objetivos eram as cooperativas.

Não é fácil introduzir novas instituições sobretudo em comunidades institucionalmente pouco diferenciadas. Para as populações perceberem mais facilmente a ideia de cooperativa, (forma de ajuda mútua contratual), comparámo-la a formas tradicionais de ajuda mútua, procurando facilitar uma melhor percepção do seu sentido pela comunidade. Além dos obstáculos culturais havia ainda um de na-

tureza política, que consistia em o governo não ver de bom grado as cooperativas, pelo que a minha insistência na sua defesa me levou a ser transferido várias vezes de serviços da agricultura do Estado.

## Início dos projetos de desenvolvimento rural

A 19 de dezembro de 1962 fui autorizado pelo Eng.º Mário de Carvalho, Diretor do Instituto do Algodão de Moçambique (IAM), a pôr em prática, a título experimental, as ideias referentes às cooperativas no desenvolvimento rural por mim apresentadas nesse ano ao 1º Congresso Agrário de Moçambique. O local escolhido para esta experiência foi uma pequena área semi-abandonada em Malengane, situada no Concelho de Sábiè, na margem direita do rio Incomáti.

Os técnicos do Departamento de agricultura do IAM deram apoio aos camponeses na montagem do regadio. Deu-se também início à formação, agora pelo meu Departamento, dos futuros agentes de apoio para a organização e funcionamento da cooperativa.

Para ultrapassar os inconvenientes postos pela atitude do Estado dei os seguintes nomes às cooperativas dos nossos projetos de Desenvolvimento Rural:

- 1 - Armazém Comunitário (a cooperativa como empresa);
- 2 - Centro Social (a cooperativa como associação); e
- 3 - Clubes Agrícolas (a cooperativa escolar).

Estes nomes facilitavam também que técnicos de outras instituições nos dessem o apoio pontual necessário a um empreendimento de natureza multidisciplinar que é impossível obter numa só instituição.

Devido ao êxito de Malengane, o Diretor do IAM mandou que levasse a cabo projetos de Desenvolvimento Rural semelhantes a outras comunidades, o que fui fazendo progressivamente. Cerca de 6 anos depois tinha em curso cinco projetos dispersos por Moçambique, a saber:

- Malengane – Posto do Sábiè, Circunscrição da Moamba, Distrito de Lourenço Marques
- Maguco – Posto da Barragem, Concelho do Baixo Limpopo, Distrito de Gaza;
- Murema – Posto de Sena,



**Figura 1** - A primeira lavoura, com trator do IAM e combustível pago pelos agricultores através do seu Armazém Comunitário (Malengane)

Circunscrição de Lena, Distrito de Manica e Sofala;  
 - Inhassune – Circunscrição de Panda e Inharrime, Distrito de Inhambane;  
 - Meza – Posto de Meza, Concelho de Montepuez, Distrito de Cabo Delgado.

As linhas concetuais em que assentavam todos estes projetos eram as mesmas. Quando deixei os Serviços de Agricultura, o projeto mais avançado na realização do que idealizara era o de Maguco; as fotos aqui apresentadas são na sua maioria deste projeto, mas representam, duma forma geral, atividades que se realizavam em qualquer dos outros.

A introdução da forma contratual de ajuda mútua tende à criação entre os chefes tradicionais do receio de verem enfraquecidos o seu prestígio e poder. Tendo isto em consideração, ao explicar à população a organização da Cooperativa (Armazém Comunitário ou cooperativa como empresa + Centro Social ou cooperativa como associação), mencionávamos que o órgão soberano da Cooperativa era a Assembleia Geral (A.G.), constituída por todos os cooperadores quando reunidos numa espécie de “banja”, cuja Presidência era o cargo da Cooperativa com maior prestígio mas sem poder interventivo na tomada de decisões, dado o Presidente da A.G. não poder tomar parte nas discussões nem alterar as suas conclusões. Nas reuniões da A.G. os cooperadores tomavam democraticamente todas as decisões relativas à vida da Cooperativa, elegiam os órgãos para a sua gestão e administração tais como direção e conselho fiscal.

Nas A.G. o seu Presidente apenas zelava para que tudo corresse com disciplina e de acordo com as leis (estatutos) feitas e aprovadas pelos aderentes; uma destas leis dizia ser o cargo de Presidente da A.G. exercido pelo Chefe Tradicional, sendo explicado aos campo-

neses que esta lei facilitaria a vida do projeto e podia um dia ser mudada por eles.

O Presidente da A.G. ser o Chefe Tradicional tinha diversas vantagens para este e para a Cooperativa, tais como:

- maiores rendimentos do Chefe devido à melhor produção sobre que assentava a cobrança dos seus tributos;
- articular o órgão soberano da Cooperativa com uma instituição local (o Régulo) conferindo uma legitimidade tradicional indireta às decisões tomadas na presença deste Chefe Tradicional;
- favorecer a disciplina interna da nova instituição de ajuda mútua de forma contratual dado as decisões sobre o seu funcionamento serem aprovadas pela A. G., a quem cabia zelar pelo cumprimento dos programas por ela aprovados em sessões anteriores; se algum cooperador se recusasse a cumprir alguma delas, a Direção podia recorrer sempre ao Presidente da A.G. que, como Chefe Tradicional da Comunidade a que pertenciam os camponeses, tinha ao seu dispor os meios e autoridade formais para fazer respeitar a disciplina da nova forma de ajuda mútua contratual; para isso bastava a Direção apresentarlhe o caso dizendo que tal era indiretamente uma falta de respeito para com ele, Chefe, perante quem, como Presidente da A.G., os membros do Armazém Comunitário tinham assumido tais compromissos.

### **Armazém Comunitário (Cooperativa como empresa)**

A exploração agrícola de todos os projetos estava a cargo do respetivo Armazém Comunitário.

Tinha por função a exploração da agricultura, base económica da Cooperativa, nomeadamente:

- a montagem da estrutura técnica de apoio à agricultura era prestada por outro Departamento que não o meu;
- os rendimentos obtidos eram distribuídos para educar as pessoas da Cooperativa a pensarem por si a sua ação e a tomarem e executarem livremente as suas decisões. Para tal o Centro Social era parte ativa vital do Armazém Comunitário. Sobre esta matéria vou dar um exemplo passado no Maguco que me parece interessante.

O Armazém Comunitário nomeava o chefe da rega, este zelava pelo cumprimento do horário desta e pelo amanho atempado das terras irrigadas. Numa das reuniões da Direção a que assisti, foi esta informada de que um dado camponês



**Figura 2** - O canal principal no Maguco, construído pela população que pagava a bomba da água e o gásóleo



Figura 3 - Reunião da Direção do Armazém Comunitário do Maguco



Figura 4 - Aprendizagem de costura (Maguco)

raramente estava na gleba quando lhe cabia a vez de regar, pelo que esta, além de mal-amanhada, tinha as culturas quase secas. Lembrei à direção que se aquele camponês, ou outro qualquer, tivesse uma produção baixa, maior seria a parte que os restantes teriam de pagar pelo gasóleo que o Armazém Comunitário gastava com a motobomba e pela amortização do crédito que tinha recebido pela construção do regadio. Sugeri que talvez fosse bom entregarem a gleba a outro mais zeloso; disseram que iriam considerar a questão. Quando tempos depois perguntei qual a decisão deles, foi com a maior surpresa que ouvi: “decidimos nomeá-lo chefe da rega”. Perante a minha surpresa, explicaram: “se o expulsássemos íamos condená-lo à miséria, bem como à sua família; sendo chefe da rega, terá de ser o primeiro a chegar ao regadio para abrir a água aos outros e terá de ser o último a ir para casa pois tem de fechar a água depois de todos terem regado. Desde que chega até que parte só tem uma coisa a fazer: cuidar da sua gleba e realizar as tarefas do chefe da rega”. Esta decisão salomónica punia o homem e recuperava o camponês, melhorando a base do futuro socioeconómico da família. Mais importante ainda: **os camponeses estavam a pensar e a tomar decisões por si.**

## Centro Social (Cooperativa como associação)

O Armazém Comunitário, ao integrar os camponeses na economia de mercado pela comercialização comunitária, criava fundos coletivos para o financiamento da ação educadora do Centro Social, levada a cabo pelo meu Departamento. Os primeiros elementos da população a sofrer a nossa ação educadora foram como vimos, os cooperadores, na altura só homens, pois apenas estes tinham direito a participar e a falar nas banjas (assembleias gerais).

Era, pois, importante modificar a mentalidade dos homens sobre o papel da mulher na vida social, inclusive o ter direito a participar plenamente nas banjas em geral. Numa banja só de homens, como era tradicional, discutiu-se longamente esta questão. Perante a conclusão de que seria bom as mulheres participarem também no Centro Social, marcaram uma banja com mulheres para conversar sobre o programa do Centro Social. Nestas banjas, homens e mulheres discutiam em conjunto problemas da família na comunidade. E assim, com o apoio da nossa Educadora Familiar, começou a atividade do Centro Social programada pela população, dando especial atenção à formação da mulher em

áreas tais como:

- economia doméstica;
- costura;
- saúde materno-infantil;
- higiene pessoal e doméstica, etc.

Para o seu funcionamento tinha o Centro o apoio permanente das nossas Promotoras de Apoio Social (Educadora de Infância, Educadora Familiar, Enfermeira e Agentes de Base) e, ocasionalmente, o das Promotoras das Missões Religiosas e serviços de saúde próximos. A área mais fácil de organizar foi, talvez, a da economia doméstica por estas Agentes de Base serem mais facilmente recrutáveis entre locais educadas nas missões e posteriormente treinadas pelos recursos do projeto.

A partir de certa altura começaram a acorrer ao Centro um número crescente de pessoas buscando tratamento de ferimentos, comprimidos para dores, etc. O número destas pessoas era cada vez maior. Esta procura deu origem aos Postos de Saúde que todos os Armazéns Comunitários adotaram como parte dos seus Centros Sociais

Em virtude desta necessidade básica da população não



**Figura 5** - Duas Agentes de base demonstrando o arranjo interior de um casa de família (Maguco)



**Figura 6** - Casa de família (Maguco)



**Figura 7** - Costura à porta de casa entre vizinhas



**Figura 8** - Agentes Base ou Promotoras de Saúde (Maguco)



**Figura 9** - Encontro semanal de enfermeira parteira do Posto de Saúde vizinho de Machatuíne com as mulheres de Malengane



**Figura 10** - Enfermeira e curandeiro no Posto de Saúde do Maguco

ser satisfeita pelos recursos mobilizáveis pelo Centro Social, decidi o Armazém Comunitário, em dezembro de 1964, dotar o respetivo Centro Social com o essencial para criar uma farmácia cooperativa.

Os Postos de Saúde tinham como atividades genéricas:

- a educação da população sobre a saúde em geral;
- fornecer cuidados primários, sempre aproveitados para conversas da saúde do ambiente como medidas preventivas de muitas doenças;
- colheita e processamento de ervas medicinais;
- recolher o conhecimento e experiência das populações, principalmente utilizadas pelos curandeiros e parteiras tradicionais, tanto no que se refere à tecnologia como medicamentação usadas.

A abertura destes Postos criou a necessidade da formação de Agentes de Base da Saúde, naturais da comunidade para, entre outras coisas, ajudar a população e os Postos de Saúde a desenvolverem uma perceção cada vez mais idêntica dos problemas da saúde. A convergência destas duas perceções favorecia a mobilização da população não para uma participação de presença física ou simples obediência a decisões dos agentes (participação passiva) mas a decisões construídas pela população com apoio dos Agentes (participação ativa) para a melhoria das condições de saúde em geral. Nas sociedades tradi-

cionalistas as pessoas têm uma conceção do estar doente principalmente como um sintoma de mau relacionamento com os ancestrais, relacionamento que é preciso melhorar pelo recurso a práticas mágico-religiosas. Estas práticas eram o principal ponto de articulação entre o curandeiro e o Posto de Saúde.

As Agentes de Base eram jovens que, depois de um acordo com várias instituições, mandámos estudar noções elementares da enfermagem, dos serviços sociais, e da saúde do lar e pública em geral. Para esta formação básica, em 1964 e durante 4 meses, foram para Lourenço Marques (hoje Maputo) 2 raparigas do projeto do Maguco e 3 do de Inhassune, escolhidas pelos seus Centros Sociais. Em Lourenço Marques, estas futuras trabalhadoras sociais de base foram treinadas em primeiros socorros, planeamento familiar, puericultura, higiene pessoal e do lar, construção de latrinas e nutrição. Esta formação foi organizada em colaboração com a Associação Africana, o Hospital Central Miguel Bombarda, o Centro Moçambicano de Estudos Cooperativos e os Serviços Extraescolares dos Serviços de Educação. Posteriormente outras Agentes Socias de Base foram treinadas, mas nos Centros Sociais das respetivas comunidades.

O sistema de saúde estabelecido pelos Postos de Saú-



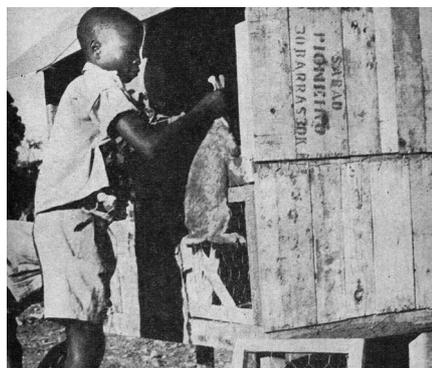
**Figura 11** - Poço para captação de água para facilitar a higiene individual e do lar e, um pouco atrás, um moinho de cereais para facilitar o esforço da mulher numa das tarefas mais pesadas para alimentação da família (Malengane)



**Figura 12** - Os homens apreciando a farinha obtida pela moagem mecânica (Malengane)



**Figura 13** - Aulas de culinária - Malengane



**Figura 14** - Criação de coelhos



**Figura 15** - O Regente Agrícola do Departamento Técnico do IAM explica aos jovens do Clube Agrícola o que vão fazer (Maguco)



**Figura 16** - Jovens do Clube Agrícola amanham a parcela de regadio que lhes foi atribuída (Maguco)

de tinha 3 níveis de intervenção em termos de tarefas específicas. O primeiro nível era formado pelas Agentes de Base cuja ação era sobretudo focada no sistema pessoa-família. Elas tratavam as pessoas, ou agiam sobre as situações, com base apenas nos sintomas, pois os diagnósticos, sendo mais difíceis de fazer, exigem outro nível de formação. Para além destas tarefas, recolhiam informações sobre a medicina tradicional, conversavam com as pessoas sobre as situações-problema e como os Postos de Saúde as podiam ajudar.

As mulheres, através de aulas de culinária aprendiam a melhorar a nutrição da família cozinhando produtos locais até aí esquecidos ou introduzindo novas plantas produzidas nas suas hortas

Isto favorecia a progressão da abordagem dos sistemas pessoa-família no sentido da medicina social, progressão que era reforçada ao segundo nível, ou seja, no Posto de Saúde.

O Posto de Saúde tinha a sua ação principalmente centrada nos grupos e comunidade. A Enfermeira procurava reunir grupos com problemas similares e, pela discussão com elas, desenvolver um programa educativo sobretudo focado no ambiente social e não só. Através dos seus contactos, e muito especialmente pelas suas

relações com o curandeiro e parteiras tradicionais, a Enfermeira procurava estruturas não visíveis existentes na comunidade com interesse para o apoio à saúde da população. A Enfermeira era também um dos principais elementos na formação continuada das Agentes Sociais de Base. A formação continuada tinha lugar durante o decorrer da sua observação participante ao longo da realização das tarefas dos seus dias de trabalho; a formação contínua tinha carácter periódico e obedecia a um programa temático, de realização escalonada no tempo.

## Clube Agrícola

Para melhorar a educação da juventude e reduzir o analfabetismo funcional entre os adultos o Centro Social criou uma Escola. Para maiores eficiência e eficácia da Escola, os alunos e os pais foram motivados a organizarem-se num Clube Agrícola (cooperativa escolar) que, mercê das atividades em que os seus membros se envolviam, ligava a Escola à vida. A Escola e o Clube Agrícola foram inovações rapidamente adotadas pelos Armazéns Comunitários dos nossos outros projetos.

Pelo Clube Agrícola, o ensino da Escola era tirado do



Figura 17 - Atividades do Clube Agrícola



Figura 18 - Alicerce do forno (Malengane)



Figura 19 - Forno inaugurado no Natal (Malengane)



Figura 20 - Cozedura semanal (Malengane)

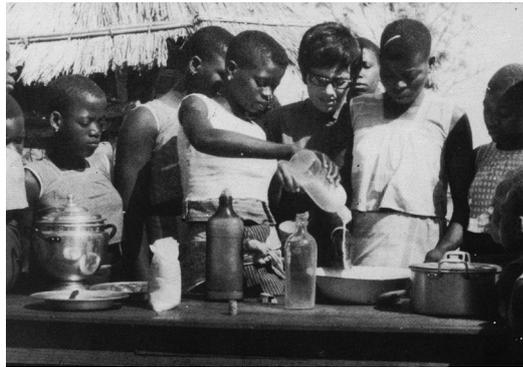


Figura 21 - Alunas da Escola do Murema aprendem a fazer queijo fresco com leite de cabra



Figura 22 - Chefe Murema e Eu

abstrato, pois os jovens encontravam sempre nas suas atividades temas renovados para redações, aprendizagem das ciências naturais, história, geografia, aritmética e geometria, o que contribuía para despertar nos alunos uma curiosidade intelectual orientada para o mundo próximo e distante. As atividades do Clube Agrícola incluíam horticultura, plantação e manutenção de árvores de fruta, criação de coelhos e cabras, fabrico de queijo e pão e culinária.

Com base no que produziam os jovens passaram a poder cozinhar, sob a supervisão das mães, uma refeição escolar que, para além de melhorar a sua nutrição, contribuía também para introduzir novas dietas na população dado o grande impacto das crianças sobre os adultos na aprendizagem das coisas simples, de acordo com o dizer oriental: “Se queres ensinar a cozer o arroz às mulheres, ensina-o aos filhos”. Procurou-se assim introduzir na dieta da população a cenoura, feijão verde e outras hortícolas e produtos agrícolas. Com os cereais obtidos no seu regadio aprenderam a fazer pão. Perto da Escola e ajudados por seus pais construíram um forno inaugurado no Natal.

Às vezes procurávamos que alguns elementos de um projeto visitassem outro em fase de evolução diferente e depois explicassem aos que não tinham ido as conclu-

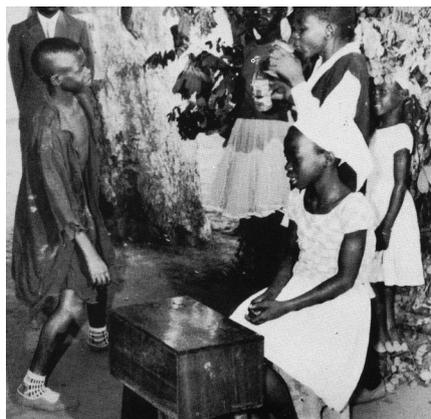
sões do que viram que pudesse ser útil ao progresso do seu projeto. As distâncias não permitiam que tais experiências fossem frequentes, mas deram para perceber que as pequenas diferenças culturais entre estas comunidades relativamente isoladas originavam uma pseudo-comunicação persuasiva na transmissão da mensagem. Concluímos, pois, que para melhor e mais facilmente aprender situações comportamentais novas, o rural tinha de viver uma experiência que o transportasse para além dos limites atuais da comunidade, ou seja, que o levasse a viver ele mesmo um pouco dentro de situações futuras. E isto levou-nos ao recurso crescente do teatro comunitário.

O teatro era uma das formas de comunicação usadas pelos Clubes Agrícolas, em cooperação com o Centro Social, na difusão de novas ideias, novas atitudes e novos comportamentos que desejavam mudar na comunidade. O tema das peças era escolhido pelos alunos e pelo Centro Social. Os atores eram os adultos e crianças que o concebiam, e ensaiavam o teatro como método de comunicação persuasiva para o desenvolvimento da comunidade, alicerçado nas cooperativas, associações de mulheres, Clubes Agrícolas, etc.

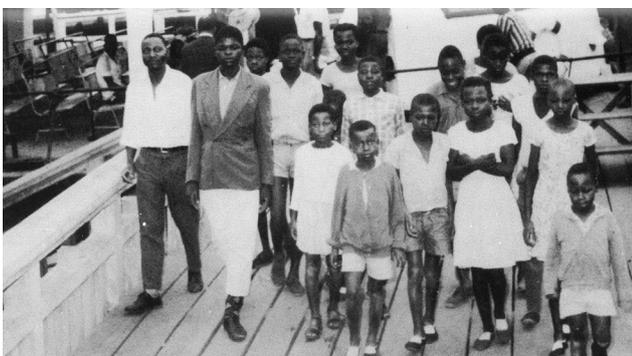
A integração do espectador na ação teatral era favorecida pelo palco e espaço para audiência estarem sepa-



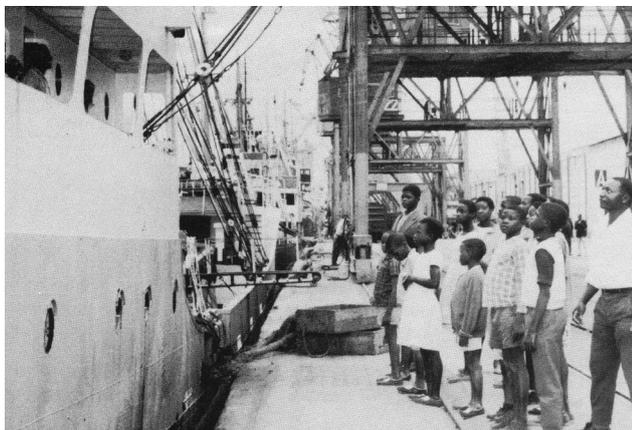
**Figura 23** - A integração do espectador na ação teatral era favorecida pelo palco e espaço para audiência estarem separados por uma simples linha traçada no chão



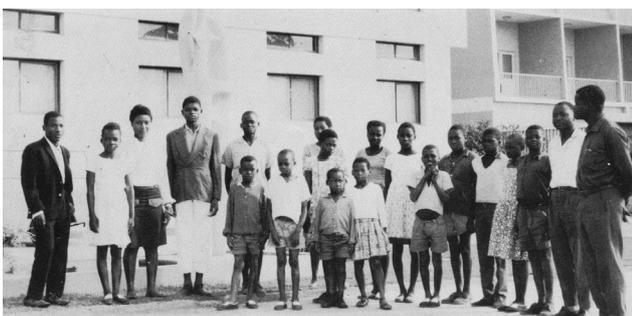
**Figura 24** - Teatro à sombra duma árvore



**Figura 25** - Saída do barco onde passearam na baía



**Figura 26** - Os grandes barcos que atravessavam os oceanos



**Figura 27** - Entrada da Sociedade de Estudos onde na véspera foram realizar o ensaio geral para se ambientarem e familiarizarem com o local

radados por uma simples linha traçada no chão.

Os ensaios eram um exercício progressivo de auto-consciencialização dos problemas da comunidade pelos atores. As peças, não escritas, eram idealizadas por eles; durante os ensaios modificavam várias vezes o conteúdo da ação, além de ser frequente o trocarem entre si os papéis que representavam. As mudanças do conteúdo da peça resultavam de observações que iam fazendo na comunidade, de conversas com familiares e amigos, etc.

Outra das grandes vantagens do teatro era permitir a resolução de um dos principais problemas da comunicação com comunidades de cultura diferente da fonte; isto conduzia a uma frequente má percepção do sentido da mensagem pelo destinatário. Para evitar esta pseudo-comunicação, concentrávamos os nossos esforços na discussão de temas considerados relevantes por alguns jovens que depois disseminavam as suas conclusões através de uma peça de teatro por eles concebida e implementada.

O teatro comunitário tinha como ponto de referência a vida normal das pessoas apegadas à forma de vida tradicional. Desenvolvendo no palco, simultaneamente com comportamentos tradicionais, uma ação definidora das inovações advogadas pelos atores, o teatro criava uma dialética dramática entre argumento e contra-argumento. Este não impunha ou defendia soluções, simplesmente comparava comportamentos que falavam por si numa confrontação direta. Este teatro tinha um eco profundo na audiência porque “discutia” problemas reais mostrando no palco como as “pessoas atores” melhoravam a sua qualidade de vida abrindo-se a certas novidades comportamentais, enquanto outros, por não quererem mudar, continuavam estagnadas na miséria.

Em agosto de 1966, resolvi levar a Lourenço Marques alunos das Escolas de Malengane e do Maguco para apresentarem o seu teatro. Era não só uma oportunidade de verem coisas novas, o que favorecia a abertura dos seus horizontes mentais, mas também o de, pelas visitas que fizeram, ter contactos “quebra-gelo” casuais com uma comunidade de cultura completamente diferente da deles, donde sairia a audiência do teatro através do qual iriam comunicar mensagens da vida nas suas comunidades.

Passearam na baía, viram os “grandes” barcos que atravess-

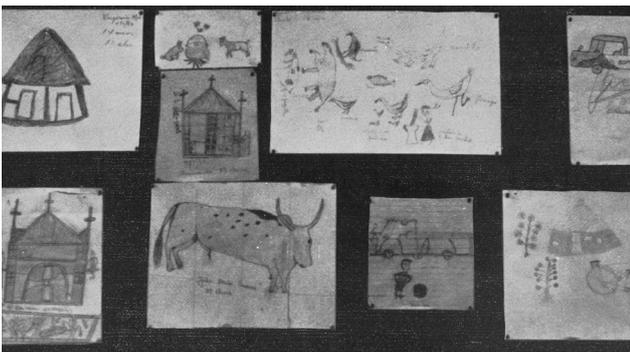


Figura 28, 29, 30 - Exposição de trabalhos manuais



Figura 31, 32 - Audiência no Grande Salão da Sociedade de Estudos

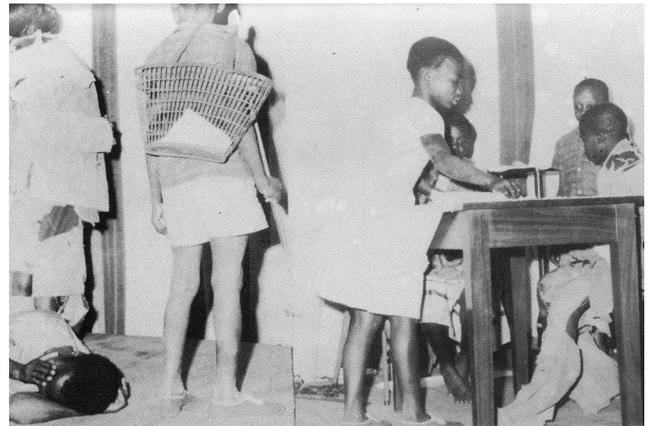


Figura 33 - Na peça A PREGUIÇA os atores desenvolvem simultaneamente o comportamento daqueles que frequentam a Escola e o Centro Social e a daqueles que continuam a vida antiga



Figura 34 - Beberete entre crianças negra e brancas



Figura 35 - Beberete confraternização, um final gratificante, agradável de ver

savam os mares, o museu de história natural com bichos conhecidos e outros não, viram como se imprimia e encadernava um livro, em resumo, viram um mundo novo. A visita de quatro dias terminou com um espetáculo de teatro no Grande Salão da Sociedade de Estudos. Na entrada para o Salão montou-se uma exposição de trabalhos manuais, tais como desenhos e argilas. À hora do espetáculo o Salão estava cheio de espetadores das mais variadas faixas etárias e estatutos sociais. Depois do espetáculo houve um animado beberete para

exclusivo convívio entre as crianças da audiência e os jovens atores.

## Conclusões

Nos projetos de desenvolvimento que orientei procurei ajudar as populações a melhorar a sua qualidade de vida por elas próprias de acordo com a sua maneira de pensar, sentir e agir. Atrevo-me a afirmar que a metodologia seguida era absolutamente inédita, embora usasse por vezes instituições com nomes antigos, como os de cooperativas, mas que nada tinham a ver com as criadas em outros países. A metodologia por mim seguida inspirou-se de certo modo num erro de Robert Owen (1771-1851), homem que muito admiro. Foi um socialista utópico que, como dono da fábrica de

New Lanark na Escócia, procurou melhorar a qualidade de vida dos seus empregados e respectivas famílias para quem construiu casas, um jardim de infância, uma loja cooperativa que vendia os produtos quase ao preço do custo, etc. Perante o seu sucesso resolveu ir para os Estados Unidos fundar com alguns adeptos a colónia socialista Nova Harmonia que funcionou bem nos primeiros tempos para se desagregar em curto espaço de tempo. Para mim o sucesso de New Lanark deveu-se a uma política assistencial com a participação passiva da população. Em Nova Harmonia Robert Owen procurou edificar uma comunidade com base na sua filosofia que para tal exigia a participação ativa duma população não educada para isso. E desta lembrança surgiu a base da minha metodologia de aplicação continuada: **EDUCAÇÃO-ORGANIZAÇÃO-AÇÃO.**